

Carta ao Senhor Mando Martins

Prezado camarada:

Pensam várias pessoas de bom senso e bom gosto, que não compete a um artista criticado responder ao seu crítico. Tenho a felicidade de me inclinar para tal opinião. Como tudo, os trabalhos dum crítico estão por sua vez sujeitos à crítica. Isto deveria bastar a sossegar os artistas que se julguem vítimas de qualquer injustiça dos críticos. Outros, pois, que não eu, seriam os mais próprios a ajuizar da justeza, clarividência e compreensão com que o meu prezado camarada fala da minha poesia. Mas se os trabalhos dum crítico estão por sua vez sujeitos à crítica, — e não poderão algumas vezes os criticados, em possuindo senso crítico, revirar-se críticos dos seus críticos? Porque não? Necessário é, porém, possuírem os criticados senso crítico ao ponto de serem capazes de verdadeira auto-crítica.

Prezado camarada, não estou certo de possuir eu tão excelentes dons. Algum dia o tentarei averiguar, sujeitando ao público esclarecido os meus ensaios em tal matéria. Ainda não é hoje. Por hoje, só quero deixar aqui a minha declaração de que julgo incompreensiva, leviana, superficial, e apenas desculpável num rapaz em virtude da sua mocidade, aquela afirmação de que a minha poesia não é (para tudo dizer numa só palavra) senão mero onanismo psíquico. Viu-se uma vez que o narcisismo, o egocentrismo, a megalomania, etc., eram elementos genéticos da minha arte. (Perdõem-me esta lembrança antipática de falar na «minha arte»; mas tenho de dar nome às cousas!). Fácil era vê-lo: Com a tendência (e talvez histérica dos tais «histerismos malucos»? É bem possível...), com a tendência, dizia, que tantas vezes tenho revelado para me denegrir, — eu próprio me farto de pôr em foco esse aspecto da minha arte ou da minha

personalidade. Lamentável resultado!, lamentável, mas previsível num país ainda inculto nas suas próprias pessoas cultas: Até boa gente de bom senso crítico tem reduzido a minha obra (oh, perdoem-me agora ter de empregar esta pretensiosíssima expressão!) ao que não é senão um dos seus aspectos; e certamente dos menos interessantes. Não é para admirar que os rapazes menos afeitos a remexer e a compreender a diversidade que uma obra pode apresentar — batam na mesma tecla. É sempre mais fácil seguir pisadas já marcadas, do que desbravar caminho. Demais, os homens que hoje começam a viver começam quasi todos mais ou menos desvairados pelos mais diversos fanatismos. E eis o maior inimigo da lucidez crítica: o fanatismo! Seja êle qual fôr, seja de que origem fôr.

Assim o meu caro Mando Martins (que suponho rapaz porque o desculparia muito menos se o não fôsse) leva a coisa ao ponto de afirmar: «A poesia de Régio é uma casa fechada sem janelas para a rua; lá dentro às escuras um homem torce-se em combates e dores que não procuram a comunicação para se lavarem em amor humano». Ou isto: «Régio forja um anel em roda de si, e as suas poesias correm à volta a redizê-lo, a descrever as suas cerebrações de poeta egoísta».

Evidentemente, é muito mais fácil repetir ou exagerar o que se ouve dizer do que verificar com escrupulo o que se ouviu.

Ouça, meu amigo: Em meu suspeitíssimo entender (concordo que é suspeitíssimo), não é por mim que realmente a minha arte se interessa: é pelo homem, mesmo, sem maiúscula. Eu, para mim como artista, psicólogo, crítico, ou aspirante a escritor de ideas, não sou senão aquela partícula humana da qual posso falar com o à-vontade, a dureza e o atrevimento que me são caros, precisamente por tal partícula

humana ser eu. E o fim da minha arte, se o tem, não é outro senão elevar o homem. e Começando, às vezes, muito por baixo? Talvez. e Seguindo, às vezes, os caminhos mais sinuosos? Talvez. Mas é precisamente porque muito prezo a dignidade do Homem (e agora leva maiúscula) que me recuso terminantemente a sujeitar as criações do espírito seja a que preconceitos, dogmatismos e fanatismos fôr.

Repito que também reputo suspeita esta minha opinião sobre aquilo que eu próprio faço. e Mas não estão sujeitas à crítica tôdas as opiniões críticas? Nada mais fácil do que verificar o meu prezado camarada a justeza ou falsidade da minha opinião sobre mim próprio. Já tenho escrito algumas cousas, em revistas ou livros: versos, romance, teatro, crítica de tôda a ordem. e E se o meu amigo, desprezando lugares-comuns, juízos simplistas e preconceitos de origem político-social, me fizesse o favor de reler algumas dessas cousas com mais vagar e mais simpatia humana?

Na mesmo número do «Sol Nascente» em que o meu prezado camarada escreve sobre mim e Casais Monteiro, (e alguns dos seus juízos sobre Casais Monteiro não me parecem menos simplistas) reproduz o Senhor António Marinho Dias estas palavras minhas: «a arte reflectirá tôdas as tendências da época e tôdas as formas da actividade do homem — mas com a liberdade que lhe é essencial e em virtude de imperativos interiores, não em virtude de exigências, reclamações, ameaças ou ataques que nada podem contra ela». Ao Senhor António Marinho Dias agradeço esta citação tão bem escolhida.

Sem mais, disponha o meu prezado camarada de mim.

JOSÉ RÉGIO